

**Caderno de
experiências:**
a tecelagem
artesanal como
tema gerador
para o ensino de
Ciências da
Natureza e
Matemática

Simone Rosa da Silva

**Mara Rúbia de Souza
Rodrigues Moraes**



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☐ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☒ Produto Técnico e Educacional - Tipo: Processo educacional | |

Nome Completo da Autora: Simone Rosa da Silva

Matrícula: 202210203400111

Título do Trabalho: Caderno de Experiências: a tecelagem artesanal como tema gerador para o ensino de ciências da natureza e matemática.

Autorização - Marque uma das opções

- ☐ (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☐ () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- ☐ () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ () O documento está sujeito a registro de patente.
☐ () O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ () Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Documento assinado digitalmente



SIMONE ROSA DA SILVA
Data: 16/02/2026 09:01:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jataí, 16/02/2026.

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☐ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☒ Produto Técnico e Educacional - Tipo: Processo educacional | |

Nome Completo da Autora: Mara Rúbia de Souza Rodrigues Moraes

Matrícula: 2218494

Título do Trabalho: Caderno de Experiências: a tecelagem artesanal como tema gerador para o ensino de ciências da natureza e matemática.

Autorização - Marque uma das opções

- ☒ (x) Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☐ () Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- ☐ () Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ () O documento está sujeito a registro de patente.
☐ () O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ () Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Documento assinado digitalmente



MARA RUBIA DE SOUZA RODRIGUES MORAIS
Data: 20/02/2026 08:07:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jataí, 16/02/2026.

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

Simone Rosa da Silva

Mara Rúbia de Souza Rodrigues Moraes

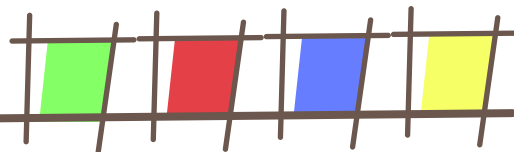
**CADERNO DE EXPERIÊNCIAS:
A TECELAGEM ARTESANAL COMO TEMA GERADOR PARA O
ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA**

Produto Educacional vinculado à tese “Tecelagem artesanal e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática: a integração de saberes ancestrais e científicos no Ensino Médio”

Jataí

Ano 2026

Ficha catalográfica



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Silva, Simone Rosa da.

Caderno de experiências: a tecelagem artesanal como tema gerador para o ensino de Ciências da Natureza e Matemática [manuscrito] / Simone Rosa da Silva; Mara Rúbia de Souza Rodrigues Moraes. - 2026. xxiv; 24f.; il.

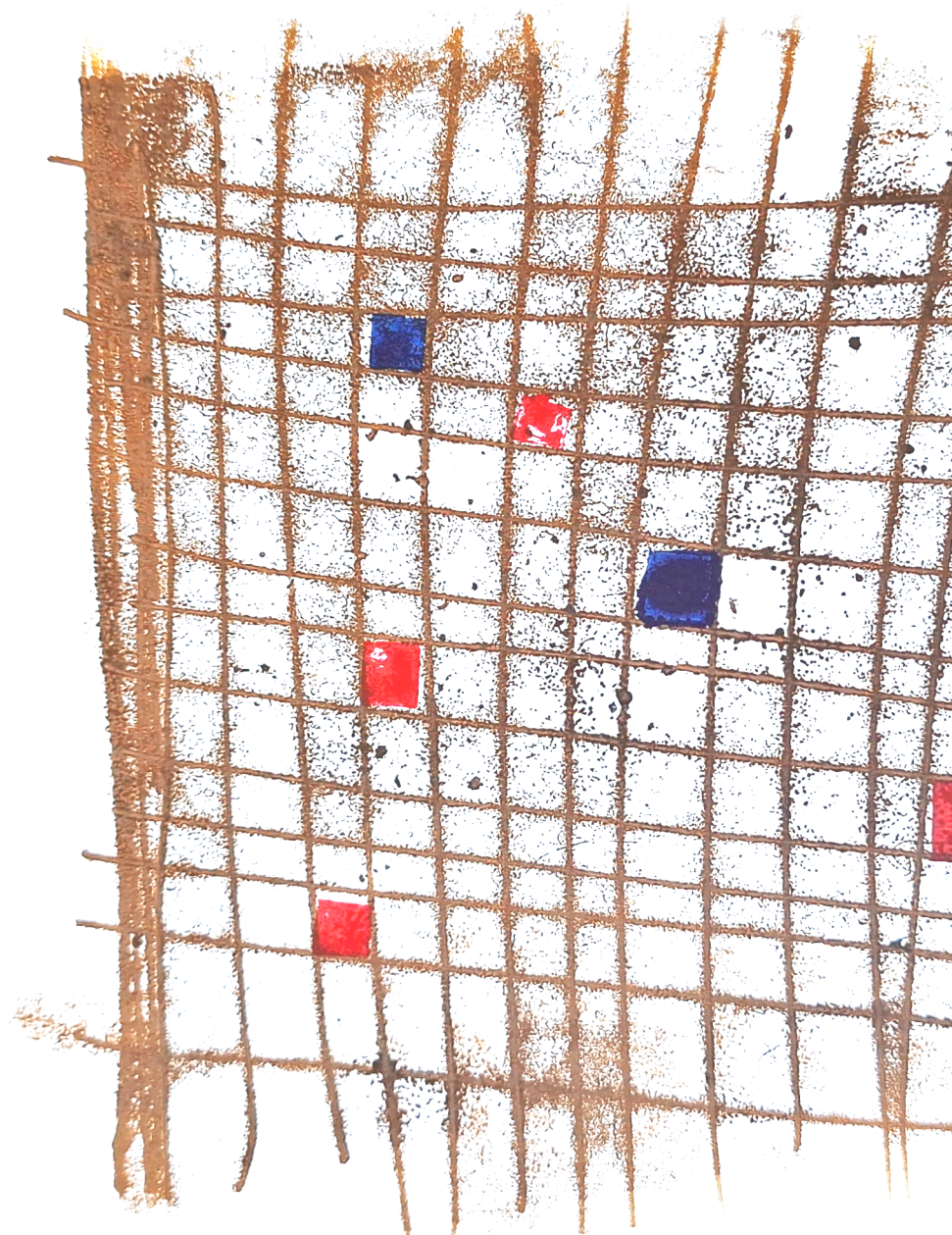
Produto Educacional (Doutorado) – Processo Educacional (Sequência Didática) – IFG – Câmpus Jataí, Programa de Pós – Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2026.

Vinculado à tese: Tecelagem artesanal e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática.

Inclui referências.

1. Ancestralidade. 2. Tecelagem artesanal. 3. Pedagogia decolonial. 4. Sequência didática. 5. Colonialidade do saber. I. Moraes, Mara Rubia de Souza Rodrigues. II. IFG, Câmpus Jataí. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela Seção Técnica de Tratamento da Informação.
Bibliotecária – Rosy Cristina Oliveira Barbosa Sabino – CRB 1/2380 – Câmpus Jataí. Cód. F026/2026-1.



ATA DE DEFESA DE TESE

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa da Tese intitulada **TECELAGEM ARTESANAL E O ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA: A INTEGRAÇÃO DE SABERES ANCESTRAIS E CIENTÍFICOS NO ENSINO MÉDIO**, sob orientação de Mara Rubia de Souza Rodrigues Morais, apresentada pela aluna **Simone Rosa da Silva (20221020340111)** do Curso **Doutorado Profissional em Educação para Ciências e Matemática (Câmpus Jataí)**. Os trabalhos foram iniciados às **09:00** do dia **12/12/2025** pela Professora presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Mara Rubia de Souza Rodrigues Morais** (Presidente)
- **Paulo Henrique de Souza** (Examinador Interno)
- **Flomar Ambrosina Oliveira Chagas** (Examinadora Interna)
- **Adailton da Silva** (Examinador Externo)
- **Cátia Regina Assis Almeida Leal** (Examinadora Externa)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo da Tese, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pela aluna, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

[X] Aprovado [] Reprovado Nota :

Observação / Apreciações:

O produto educacional vinculado à tese de doutorado intitula-se: "Cadernos de Experiências: a tecelagem artesanal como tema gerador para o ensino de Ciências e Matemática".

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Mara Rubia de Souza Rodrigues Morais** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

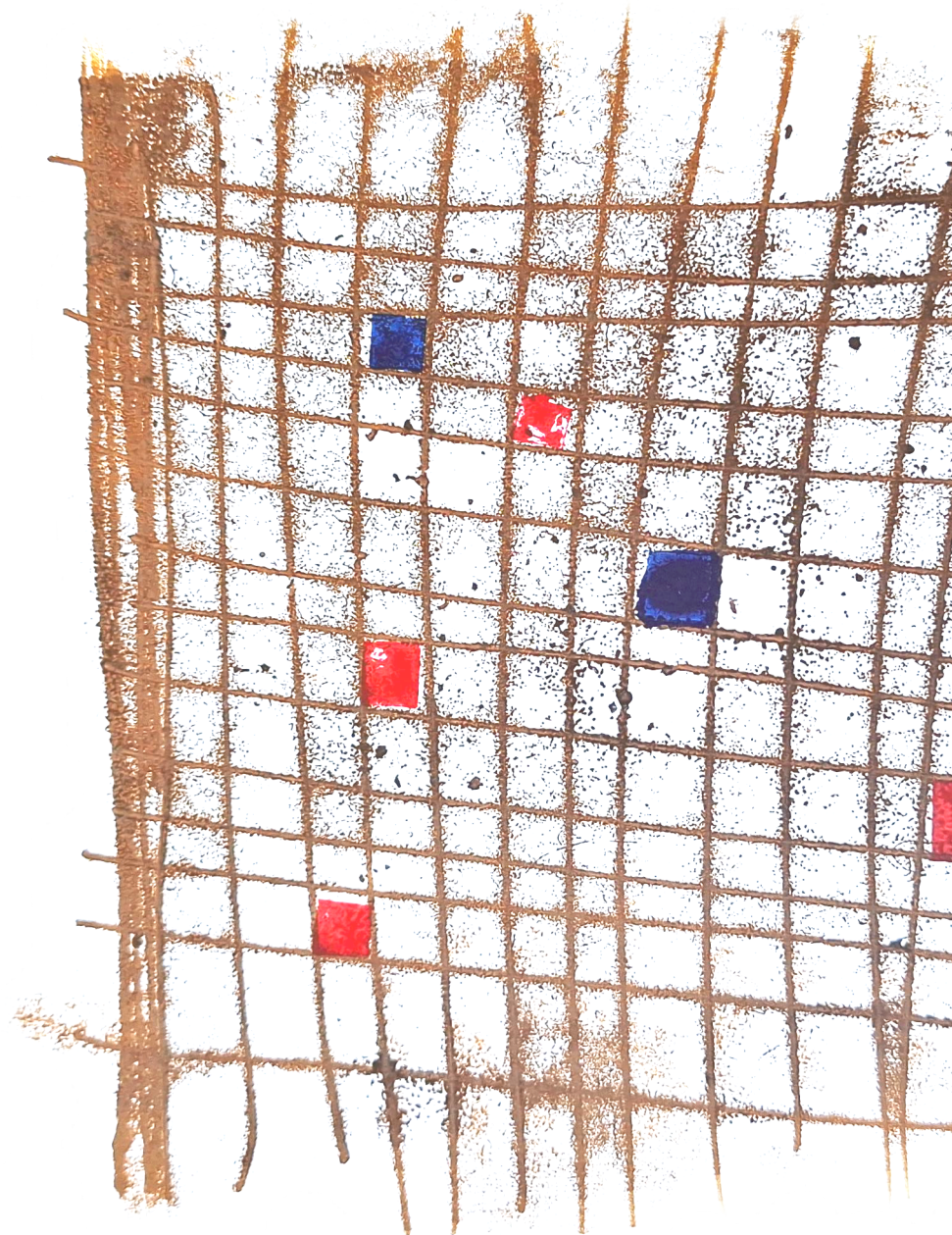
- **Adailton da Silva** (074.353.357-70), em 12/12/2025 17:51:45 com chave 5f25c946d79c11f09edf005056a537a4.
- **Paulo Henrique de Souza** (467.601.301-97), em 12/12/2025 12:46:13 com chave b0707312d7711f09437005056a537a4.
- **Cátia Regina Assis Almeida Leal** (430.867.051-91), em 12/12/2025 12:46:20 com chave b45caa86d7711f09edf005056a537a4.
- **Mara Rubia de Souza Rodrigues Morais** (611.810.801-34), em 12/12/2025 12:44:58 com chave 834bc0a8d7711f09b78005056a537a4.
- **Flomar Ambrosina Oliveira Chagas** (165.664.751-68), em 12/12/2025 13:12:09 com chave 4f578620d77511f0ae0f005056a537a4.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 12/12/2025

Código de Autenticação: 7ef9df



CARACTERÍSTICAS DO PRODUTO

Autoria: Simone Rosa da Silva.

Coautoria: Mara Rúbia de Souza Rodrigues Moraes.

Título: “Caderno de experiências: a tecelagem artesanal como tema gerador para o ensino de ciências da natureza e matemática”.

Origem: Tese intitulada “Tecelagem artesanal e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática: a integração de saberes ancestrais e científicos no Ensino Médio.

Tipologia: Processo Educacional.

Linha de Pesquisa: Organização escolar, formação docente e educação para Ciências e Matemática.

Sublinha: Linguagem, Cultura e Sociedade.

Público: Professoras, professores e demais profissionais da área de educação.

Acessibilidade: Irrestrita, preservando-se os direitos autorais, bem como a proibição de uso comercial do produto.

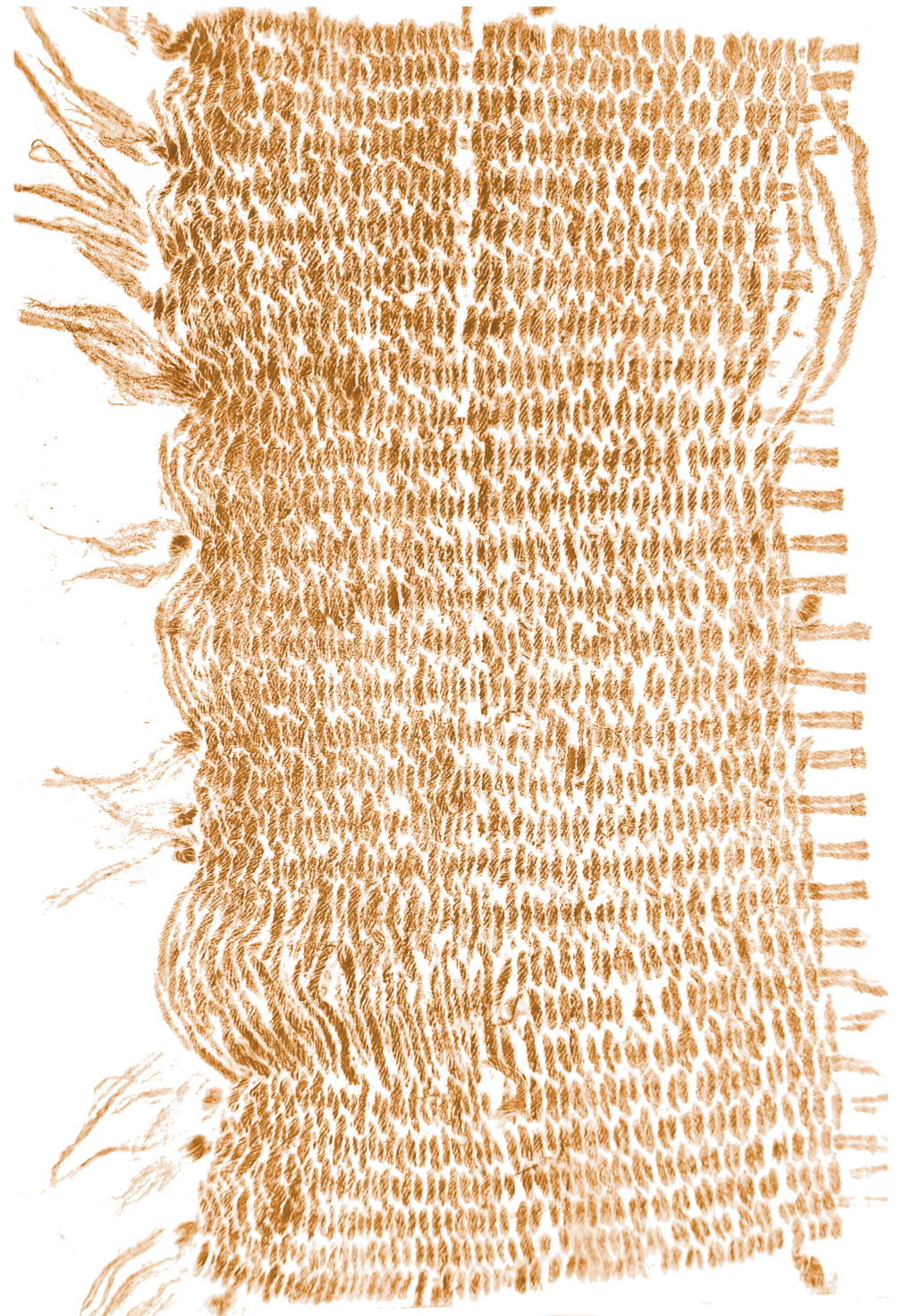
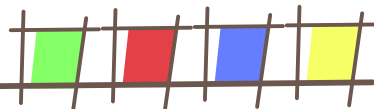
Divulgação: Formato digital.

Instituições envolvidas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Câmpus Jataí, Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática (PPGECM/IFG), Pró-reitoria de Extensão (PROEX/IFG), Água Forte Ateliê, Coordenação Regional de Ensino (CRE), Colégio Estadual Frei Domingos.

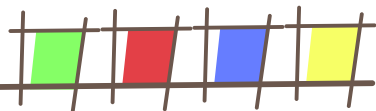
Idioma: Português.

Cidade: Jataí, GO.

País: Brasil.



Sumário



CADERNO DE EXPERIÊNCIAS:

A TECELAGEM ARTESANAL COMO TEMA GERADOR PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA



APRESENTAÇÃO

8 - Quem participou?

8 - Onde aconteceu?

9 - Como aconteceu?

9 - A matula

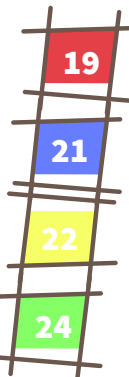


PASSO 1 - PLANTIO DOS ALGODOEIROS: SEMEANDO ENCANTAMENTOS

PASSO 2 – ELABORANDO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PASSO 3 - SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DECOLONIAL

16 - A mostra



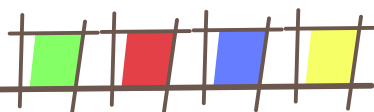
O PONTO DE CHEGADA: A VALIDAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

GLOSSÁRIO

REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO



Este caderno é composto por narrativas pedagógicas que se destacaram durante o processo de elaboração e realização de uma Sequência Didática (SD), no contexto da pesquisa de doutorado intitulada **“Tecelagem artesanal e o ensino de Ciências da Natureza e Matemática: a integração de saberes ancestrais e científicos no Ensino Médio”**, ao Programa de Pós-graduação em Educação para Ciências e Matemática do IFG - Câmpus Jataí. Foi elaborado com a finalidade de compartilhar uma experiência de ensino referenciada nos saberes ancestrais de um grupo de fiandeiras e tecedeiras de Jataí, GO. Esperamos inspirar e estimular profissionais da educação que buscam estabelecer conexões profundas entre objetos de conhecimentos prescritos no currículo escolar e as vidas dos estudantes, suas comunidades e seus saberes. O intuito em compartilhar tal experiência está precisamente na importância de multiplicar práticas pedagógicas que possibilitem conexões entre conhecimentos ancestrais e o ensino. A SD foi desenvolvida (concebida, aplicada e validada) como um Produto Educacional (PE) em turma de Ensino Médio do Colégio Estadual Frei Domingos, na Cidade de Jataí, GO, com o objetivo de criar situações de aprendizagem escolares nas quais conteúdos curriculares pudessem ser ensinados de forma referenciada nos saberes da tecelagem artesanal. A SD apresentada neste volume abrange objetos de aprendizagem das áreas de Matemática, Geografia e Arte. A narrativa incorpora experiências vivenciadas durante a elaboração da SD, que toma forma em um curso de extensão, assim como incorpora momentos viven-

ciados em uma mostra sobre o processo de tecelagem artesanal praticada em Jataí, montada na escola. Tanto o curso de extensão quanto a mostra trazem a prática da tecelagem artesanal para dentro da escola e foram considerados na nossa experiência como suportes e artefatos pedagógicos. Na nossa experiência enquanto docentes vivenciamos muitas dificuldades, mas também sentimos prazer em ensinar e aprender. Um prazer gerado pela consciência da conexão com nossa ancestralidade e pela consciência de que ela nos constitui. A ancestralidade foi a ferramenta e a teoria utilizada como uma alternativa potente para criar situações de ensino onde pudemos aproximar nossos estudantes de conhecimentos praticados por pessoas da comunidade escolar, como suas avós, tias, mães e vizinhas. Situações de ensino que podem ser caracterizadas por um **ensino decolonial**.

Quem participou?



O grupo que vivenciou as experiências aqui narradas foi formado no momento da elaboração da SD pelas pesquisadoras (doutoranda e orientadora), 4 professoras (2 de Ciências da Natureza, 1 de Arte, 1 de Matemática, e 1 professor de Geografia), 19 estudantes do 2º ano C, 3 tecedeiras e 2 fiandeiras.

Figura 1- Participantes, colaboradores e colaboradoras.



Fonte: acervo da pesquisa

Esse grupo é em sua maioria integrado por pessoas que estão envolvidas com a Escola Frei Domingos e mulheres envolvidas com a prática da tecelagem artesanal em Jataí, como praticantes ou fomentadoras. Nossos estudantes são os netos e netas, filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras. As tecedeiras, fiandeiras e fomentadoras são bisnetas, netas e filhas de outras tecedeiras e fiandeiras, ou de mulheres que tiveram ou tem um envolvimento com os têxteis.

Nossa experiência é vivida com pessoas que moram na periferia, que estudam em uma escola na periferia, a partir de um saber também considerado periférico, pois é praticado por mulheres idosas, grupo que se localiza fora das centralidades da produção do conhecimento considerado válido pela **matriz colonial de poder**. A periferia é para nós um lugar de produção de conhecimento válido, assim como a ancestralidade é tão necessária para a continuidade da vida, tanto quanto a ciência, não havendo hierarquia entre elas.

Escolhemos produzir uma SD em coletividade referenciados em conhecimentos que vêm de mulheres, portanto, conhecimentos periféricos. São mulheres, idosas, e descendentes de indígenas e/ou pessoas negras. Conhecimentos, muitos deles, também compartilhados pelas avós desses estudantes da escola.

Onde aconteceu?



No colégio Estadual Frei Domingos. Escola que pertence à rede de ensino do estado de Goiás. Está localizado no Bairro Dom Abel, um bairro da periferia da cidade de Jataí, em uma região de contraste econômico e social. A construção do edifício que abriga a escola durou mais de uma década. Foi finalizada em 2023. Sua área total é de 2 mil metros quadrados e conta com 12 salas de aula, 1 biblioteca, 1 auditório, 1 laboratório de ciências e 1 de informática. Possui um pátio coberto que funciona como refeitório e área de convivência, e tem quadra poliesportiva. Tem uma cozinha ampla e equipada, áreas gramadas e estacionamento. No ano de 2025, 1.200 estudantes estão matriculados na escola, distribuídos nas

modalidades de Ensino Fundamental e Médio, na Educação de Jovens e Adultos (EJA Médio) e no Atendimento Educacional Especializado (AEE). A escola também oferta Educação Prisional.

Figuras 2 Colégio Frei Domingos com vista para o Bloco B, Figura 3 - Colégio Frei Domingos, entrada e Figura 4 - Colégio Frei Domingos, vista do pátio coberto



Fonte: acervo pesquisadora

Como aconteceu?



Nossa narrativa será apresentada como uma caminhada em um trieiro que teve um ponto de partida, enfrentou desafios e teve um ponto de chegada. Nosso ponto de partida aconteceu mediado por um curso de extensão, denominado “A Tecelagem Artesanal e o Currículo Escolar” quando nos preparamos, elaborando as atividades pedagógicas que compõem a SD. O ponto de chegada é a sala de aula, quando a SD foi aplicada, quando compartilhamos com os estudantes as atividades propostas. A caminhada é constituída pelas experiências de elaboração e aplicação desta SD.

Comparar os nossos passos com uma caminhada em um trieiro, pareceu muito adequado para uma experiência pedagógica que teve como bússola a teoria decolonial. O trieiro é aquele caminho estreito feito nas praças das cidades, caracterizado pelas marcas de sucessivas passagens de pessoas que escolhem caminhar fora da rota pré-estabelecida. Os trieiros são, aqui, percebidos de dois jeitos: por aquelas pessoas que preferem segui-los porque entendem que são a rota mais curta, ou mais fácil, para se chegar aonde pretende, ou por aquelas que o desaprovam porque os percebem como uma deformidade na paisagem.

As pessoas que compartilham desse último ponto de vista provavelmente não se permitiriam uma experiência decolonial de ensino tal como realizamos. Já para as que escolhem andar em trieiros, eles são desejáveis. As pessoas que andam por esses caminhos são as pessoas do lugar. É com essas pessoas que caminhamos nessa experiência compartilhada de ensino decolonial. Essa perspectiva de ensino está repleta pelos sentidos do lugar, pelos conhecimentos locais, pelos saberes das pessoas periféricas. Nas pedagogias decoloniais a escola é reinventada, pois a própria noção de ensino é reinventada, quando se busca vivenciar processos no qual haja um sentido de politização da ação pedagógica. Precisamos nos preparar para esse tipo de caminhada.

A matula



A *matula* é uma palavra ainda utilizada no estado de Goiás. De acordo com o Dicionário Michaelis, da Língua Portuguesa (2025) *matula* significa uma “provisão alimentícia para viagem”, ou o “saco, o pano, o alforge, a trouxa” que carre-

ga essas provisões. Nossa *matula* foi feita de pano tecido por mãos zelosas, por mãos sabedoras de outros tipos de ensinamentos, por mãos de mulheres que nos antecederam, e por isso ela está *encantada*¹ pelo saber ancestral da tecelagem artesanal. Está *encantada* pelo trabalho das mulheres que fizeram esse tecido. Estas mulheres são aquelas que aprenderam a andar em *trieiros* desconhecidos², que sabem ler **repassos** e manusear uma **urdideira**. A maioria delas tiveram seus partos acompanhados por parteiras.

Durante o percurso fomos acrescentamos na *matula* ensinamentos. Alguns materializados nos escritos de de Paulo Freire (2018), e de Catherine Walsh (2009), caminhanteres que já trilharam caminhos semelhantes. Na nossa *matula* carregamos também as aprendizagens adquiridas no curso de extensão, cujo plano de ensino está anexado. Assim, estudando e dialogando, nos fortalecemos para seguir na nossa caminhada e nos sustentarmos nas trocas teóricas e políticas, éticas e metodológicas, que foram feitas enquanto caminhávamos.

PASSO 1 - Plantio dos algodoeiros: semeando encantamentos

A tecelagem artesanal em Jataí, GO tem como matéria prima o algodão. É fácil encontrar um algodoeiro nas calçadas ou nos quintais periféricos aqui na nossa cidade. Além da pluma que é usada na fiação, a folha do algodoeiro tem muitas aplicações na medicina popular, assim como a suas maçãs e sementes. Saberes compartilhados por pessoas que têm conhecimentos sobre as plantas para se curar de doenças ocasionais.

Plantamos algodoeiros na escola, em fevereiro de 2023. Com o cultivo do algodão tem início nossa experiência de ensino decolonial. Tem início a uma troca intergeracional. Durante o plantio das sementes estiveram envolvidos, além da pesquisadora, dois estudantes da escola, Davi Gomes (15 anos) e Gabriel Gomes (13 anos), e o senhor José, (76 anos) com experiência em agricultura de subsistência. Enquanto plantávamos aprendemos que *leira* é um corte aberto na terra, que recebe os resíduos do roçado, e que serve como adubo, podendo receber sementes ou mudas. Aprendemos sobre o conceito e sua importância como uma técnica de cuidado com o solo no ato do plantio, técnica na agricultura de subsistência e ainda utilizada nas plantações de larga escala.

A experiência do plantio foi simbólica para alguns docentes que já percebiam os algodoeiros. Vimos nascer do chão da escola, junto com os algodoeiros, diversos conteúdos/objetos de aprendizagem, relacionados aos componentes curriculares previstos no DC-GO (2020). Com eles víamos a possibilidade de ensino referenciado no plantio de uma espécie que atravessava a história do nosso estado nos aspectos da cultura e da economia.

1. De acordo com Rufino (2018), “um saber encantado é aquele que não passa pela experiência da morte. A morte é aqui compreendida como o fechamento de possibilidades, o esquecimento, a ausência de poder criativo, de produção renovável e de mobilidade: o desencantamento” (Rufino, 2018. p.34).

2. Mulheres que se casaram muito jovens, quando ainda eram adolescentes, algumas com 16 anos. Que tiveram seus maridos escolhidos pelos pais e foram iniciadas na vida sexual sem uma ideia clara do que significava estar casada. Uma condição violenta e imposta pelo patriarcado.

3. A lã de carneiro já foi bastante utilizada, no final do século XIX e início do séc. XX como matéria prima na confecção de cobertas. Não é mais utilizada porque tem sua origem a partir da criação dos carneiros, atividade que não é mais praticada na nossa região.

Figura 5 - plantando o algodão, figura 6 - 30 dias após o plantio e figura 7 - 3 meses após o plantio



Fonte: acervo da pesquisadora

Foi um momento conexão e trocas de conhecimento entre o saber acadêmico e o saber informal, pois os estudantes já haviam aprendido nas aulas de Geografia sobre o plantio mecanizado e foram fazendo comparações e perguntas. Houve trocas, ensino e aprendizado para todos os envolvidos. Para o Sr. José, a autoestima foi elevada, pois um homem que aprendera a ler e escrever de forma precária ensinou seus conhecimentos da roça em uma escola, que para ele é lugar de gente formada ou em formação. Para os dois estudantes, a percepção de que seus avós, por viverem em um rancho também conhecem os processos de plantio orgânico. Esses estudantes, no ano seguinte plantaram algodão no seu quintal.

Foi uma experiência de ensino-aprendizado, cujos recursos e instrumentos foram a terra, as sementes, a enxada, uma fita métrica, e a experiência do Sr. Jose com a terra. Observamos acontecer uma inversão do que está posto nos sistemas de ensino. Quando um senhor idoso entra em uma escola com uma enxada não é para ensinar, e sim para um trabalho braçal de manutenção, e mesmo que ele passe ali o dia todo sob o sol, ele é invisível, ninguém fala com ele a não ser que seja parente de algum estudante ou conhecido fora da escola.

Na nossa experiência de plantio dos algodoeiros, era o Sr. José que sabia o que estava fazendo e era ele quem nos ensinava. Uma aula, com duração de 50 minutos, que aconteceu por meio de diálogo e demonstração de uma prática de cultivo no solo, sem que o Sr. José imaginasse que estava nos ensinando ali, de forma integral, conteúdos da Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, Ciências e Ecologia. Aprendemos sobre a palavra *leira*, que é uma tecnologia de preparação e nutrição do solo para plantio de subsistência. Aprendemos sobre os diferentes sentidos da palavra *cova*, que serve tanto para descrever o espaço onde é colocado alguém

que morreu, mas também indica o lugar onde se coloca a semente para germinar. Uma contradição, e uma possibilidade para estimular o pensamento filosófico.

Aprendemos sobre conteúdos de Matemática, quando o corpo foi usado para medir a distância entre uma cova e outra. Sr. José dizia, ao caminhar: “meu passo tem um metro, mais ou menos, e meio passo quanto tem? Precisa de pelo menos meio metro entre uma cova e outra”. E os estudantes verificaram usando a trena, e entendendo que o tamanho do passo dele era diferente dos seus passos (medidas não convencionais). Tivemos contato com conteúdo de Ciências da Natureza quando falamos sobre gestão de resíduos e cuidados com o solo, e sobre a sazonalidade das chuvas. Quando falamos sobre o tempo bom para plantar, e cada planta tem o seu tempo certo de colher tivemos aula de ecologia.

Quantos conteúdos escolares poderíamos evidenciar a partir dessa experiência? Quantos foram mencionados a partir do plantio, da experiência com saberes locais, praticados por pessoas do lugar? Aprendemos que pessoas não escolarizadas,

não “formadas”, como compreendidas pelo Sr. José, têm algo para oferecer para a escola, além de sua força de trabalho. Elas tem o seu saber e a experiência de vida.

Os algodoeiros, depois de crescidos, além de ofertarem constantemente plumas para várias atividades que continuam acontecendo na escola, nas aulas de artes, e na sala do AEE, servem ainda como esconderijos para as brincadeiras nos horários do recreio, em especial para os estudantes do vespertino, pois é a única área da escola que tem planta de porte arbóreo. É uma área sombreada. Além disso, há vários estudantes vigilantes dos estágios de produção dos algodoeiros. Tem aqueles estudantes que colhem a pluma e levam para as professoras, e tem aqueles que em crises de ansiedade procuram o algodão para ser descarregado porque descobriram que esse gesto lhes traz tranquilidade, de acordo com alguns depoimentos.

Figuras 8, 9 e 10 - Estudantes em experiências sensoriais com o algodão.



Fonte: acervo da pesquisadora

PASSO 2 – Elaborando a SEQUÊNCIA DIDÁTICA



A elaboração da SD aconteceu no primeiro semestre de 2024, mediada por um curso de extensão no formato híbrido, com momentos presenciais e momentos remotos assíncronos. Um ciclo formativo de 40 horas, realizado durante os meses de março a junho, do qual participaram docentes das áreas de Ciências da Natureza, Geografia, Arte e Matemática. O objetivo do curso foi produzir de forma coletiva, uma SD para o ensino interdisciplinar referenciada nos saberes da tecelagem artesanal⁴. As atividades remotas foram gerenciadas pela plataforma Google Classroom. As atividades presenciais aconteceram na escola e no Ateliê Água Forte⁵.

O curso foi estruturado metodologicamente em uma sequência didática, detalhada no plano de ensino do curso, na perspectiva de SD de Joaquim Dolz, Michèle Noverraz e Bernard Schneuwly (2004). A perspectiva destes autores que traz consigo uma intenção política. No nosso caso, a intenção política foi despertar para a percepção da ancestralidade presente nos saberes complexos da tecelagem artesanal, e como esses saberes estão conectados à vida cotidiana e consequentemente os saberes escolares.

4. O link para acesso é: <https://classroom.google.com/c/NjUwNzIzNjQ5MzY3>, onde estão armazenados os materiais utilizados durante o curso. Nesse link também pode ser encontrado o Plano de Ensino do Curso.

5. O Ateliê Água Forte é uma casa voltada para a formação e fomento às artes e aos saberes ancestrais. Foi uma instituição parceira durante a pesquisa, oferecendo apoio institucional nas atividades de extensão realizadas durante a pesquisa. Funciona em Jataí desde o ano de 2020 e acolheu as atividades de tecelagem desenvolvida pela pesquisadora.

As atividades remotas foram constituídas de estudos teóricos sobre a **Pedagogia Decolonial**, e sobre a **colonialidade do saber** no currículo nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática, buscando trabalhar a aderência ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática (PP-GECEM – IFG). Os encontros presenciais foram inteiramente dedicados à vivência da tecelagem artesanal, sediados pelo Água Forte Ateliê. Momentos em que as cursistas puderam, nos encontros com as tecedeiras, experimentar, conversar, observar, aprender e relembrar os processos da tecelagem artesanal.

Como resultado do curso produzimos um esboço de SD que propunha uma relação entre objetos do conhecimento das áreas de Ciências da Natureza, Geografia, Arte e Matemática, tendo sido estas as áreas dos professores que participaram do curso de extensão. Como ilustração, e a título de exemplo, apresentamos o nosso esquema, no Quadro.

Quadro 1: Relação entre objetos de conhecimentos curriculares e a tecelagem artesanal

Fonte: elaborado pelos cursistas

DISCIPLINA	OBJETO DE CONHECIMENTO	O PROCESSO DE TECELAGEM RELACIONADO
Ciências da Natureza	Morfologia. Fisiologia vegetal. Relações ecológicas.	Desenvolvimento do algodoeiro e processamento do algodão como matéria prima do tecido artesanal.
Geografia	Territórios e Fronteiras em Goiás.	As atividades de subsistência, relacionadas ao processo artesanal de confecção das próprias roupas, cobertas, cobertores e outros utensílios ligados aos teares.
Arte	As artes visuais como manifestação artística das diferentes linguagens e formas.	Tecelagem com fibras.
Matemática	Sistemas e unidades de medida: medidas convencionais e não convencionais	O planejamento e a urdidura e da peça a ser tecida. Instrumentos e unidades de medidas utilizadas pelas tecedeiras para a organização dos fios em relação à peça a ser tecida.

PASSO 3 - Sequência Didática: uma experiência de ensino decolonial

A SD aconteceu em agosto e setembro de 2024, na turma do 2º ano C, Ensino Médio do Colégio Frei Domingos. Abaixo, no Quadros 2, apresentamos as atividades desenvolvidas em cada módulo, associadas à etapa do processo da tecelagem artesanal e à qual objeto de aprendizagem foi relacionado.

Na nossa experiência de aplicação da SD o módulo que envolveu a área de Ciências da Natureza foi desenvolvido, no entanto sem diálogo com as outras disciplinas e fora do cronograma acordado, por isso optamos por não a incluir no Quadro.

Quadro 2 - SD a Tecelagem Artesanal e o Ensino de Ciências da Natureza e Matemática, no 2º Ano C, Colégio Frei Domingos

Fonte: elaborado pela pesquisadora

SD / DISCIPLINA ENVOLVIDA	OBJETO DE APRENDIZAGEM	RELACIONANDO COM TECELAGEM ARTESANAL	DETALHAMENTO DA ATIVIDADE DESENVOLVIDA
Apresentação da situação	Apresentação do problema de pesquisa, e da motivação da pesquisadora.	Saberes ancestrais.	Aula dialogada. Apresentação do contexto da pesquisa em linguagem acessível. Apresentação do TCLE.
Produção inicial	Produção de comunicação oral, podendo ser em formato de áudio ou vídeo, com o uso do celular. Como motivação para a produção da comunicação oral, foi escrita no quadro uma pergunta geradora.	Saberes ancestrais.	Conversa sobre uma situação relacionada a saberes que são transmitidos entre gerações. Foram elencados saberes antigos, pelos estudantes. A fabricação do fio aparece como sugestão de um estudante. Após considerações dos estudantes foi solicitado que respondesse a seguinte pergunta geradora para a produção inicial: Como a tecelagem artesanal pode contribuir com as aprendizagens de conteúdos escolares, nas diferentes áreas, por exemplo da matemática, das artes, da geografia e das ciências? A resposta a essa pergunta deveria ser apresentada no formato de uma comunicação oral.

SD / DISCIPLINA ENVOLVIDA	OBJETO DE APRENDIZAGEM	RELACIONANDO COM TECELAGEM ARTESANAL	DETALHAMENTO DA ATIVIDADE DESENVOLVIDA
Módulo 2 Arte	Aspectos sócio-históricos e culturais representados nas artes visuais.	A tecelagem artesanal, as diferentes formas de tecer, e os materiais utilizados.	1ª aula: estudo orientado em folha impressa, a partir de textos que abordaram a história da tecelagem, tecelagem e ancestralidade; 2ª aula: exibição de vídeos sobre os temas, abordando a tecelagem indígena; 3ª aula: oficina de tecelagem e participação em roda de conversa com tecedeira, no espaço da mostra. 4ª aula: produção final: os estudantes produziram vídeos, em grupos.
Módulo 3 Geografia	Construção sócio-histórica e geográfica de Goiás, e economia de subsistência.	Modo de vida das tecedeiras e fiandeiras.	1ª aula: conversa com estudantes sobre economia de subsistência ligada a produção têxtil artesanal, momento em que os estudantes se manifestaram oralmente; (produção inicial); 2ª aula: pesquisa orientada, conduzida no laboratório de informática, com o uso da internet, sobre a história da ocupação do território goiano (ênfase na iconografia); 3ª aula: Participação em roda de conversa com tecedeira no espaço da mostra; 4ª aula: produção de apresentação de slides com a utilização de iconografia identificada na pesquisa (produção final);
Módulo 3 Matemática	Sistemas e unidades de medidas não convencionais.	Fiação e produção de novelos e os instrumentos de medição utilizados;	1ª aula: aula expositiva apresentando as unidades de medida não convencionais; 2ª aula: aula dialogada apresentando as unidades de medidas não convencionais e a proposição de confecção e um vídeo de curta duração onde apresentassem as unidades de medidas conhecidas pelos estudantes; 3ª aula: participação em roda de conversa com tecedeira, no ambiente da mostra; A produção final foi orientada para que os estudantes fizessem em casa.
Produção final	Comunicação oral: podendo ser em formato de áudio ou vídeo, com o uso do celular.	O estudante poderia escolher o objeto de conhecimento que desejasse, desde que estabelecesse a vinculação com a tecelagem Artesanal.	Foi retomado com os estudantes toda a experiência vivenciada nos módulos, como estímulo. Em seguida foram orientados a responder a mesma pergunta feita para a produção inicial, e orientados a produzir outra comunicação oral, podendo novamente utilizar os seus celulares para captação da voz, ou vídeo. Os estudantes escolheram a produção de vídeos em grupos.

Neste ano, 2024, o 2º semestre teve início na escola em um contexto de alteração do quadro docente, causado por dois motivos: ausência temporária de dois professores adoecidos, e recepção de professores recém concursados, uma da área de Ciências da Natureza. Essas situações causaram uma instabilidade no horário de aulas, em especial no Ensino Médio, impactando a aplicação da SD⁶. Na nossa experiência de aplicação da SD, a prática não aconteceu conforme planejamos, mas nos adequamos e realizamos as atividades com os estudantes. Esta foi uma das dificuldades enfrentadas e superadas.

A Mostra



Em todos os momentos formativos relacionados à nossa experiência sempre recorriamos às materialidades dos saberes da tecelagem artesanal para demonstrar os sentidos, significados, conteúdos e complexidades do processo de tecer artesanalmen-

te. Recorremos várias vezes aos equipamentos utilizados no processo de fiar e tecer, as práticas das diferentes fases de preparação do algodão, aos tecidos e cobertas feitas no tear. Estes equipamentos (par de cardas, descaroçador, o arco, urdideira) materializavam a própria ancestralidade, nos desenhos contidos nas cobertas, no formato dos novelos, nas cores naturais das meadas tingidas artesanalmente, e no próprio algodão branco e marrom, conhecido pelas fiandeiras e tecedeiras como algodão *ganga*. Toda essa materialidade foi facilitou a associação dos objetos de conhecimento curriculares com este saber. Ela se apresentava aos nossos sentidos, em especial da visão e do tato. Ela se fez necessária, e nós nos apropriamos dela como uma alternativa didática para trazer aos estudantes as materialidades do processo de fiar e tecer, no formato de uma exposição.

A mostra foi realizada na escola como um recurso pedagógico e de suporte às atividades previstas nos módulos da SD e ganhou uma dimensão que impactou toda a escola. A mostra de curta duração, intitulada *A Tecelagem Artesanal e o Ensino de Ciências e Matemática* teve como finalidade apresentar

o processo da tecelagem artesanal, oferecendo aos sentidos as materialidades que incorporam esses saberes. Aconteceu no pátio da escola, demarcada e sombreada por uma tenda de 6m x 6m.

Assim os estudantes e toda a comunidade escolar tiveram contato com o algodão, branco e marrom (*ganga*), os equipamentos, a roda de fiar, a balança manual, uma dobadeira, uma urdideira, um par de carda manual. Os produtos da tecelagem expostos foram: novelos, meadas, tapetes, cobertas, mostra de tecidos. Mostra funcionou como um espaço de atividades extrassala, contribuindo para a manutenção do interesse e despertando curiosidade nos estudantes. Foi no espaço da mostra que aconteceram as rodas de conversa com as tecedeiras, e uma oficina de tecelagem de um pequeno cestito feito a partir de fibra de bananeira. Sendo essas as atividades que mais se destacaram nas avaliações realizadas tanto pelos estudantes quanto pelas professoras.

Com as estampas/padrões das amostras das cobertas demonstramos a complexidade da programação matemática e a geometria. No processo de limpeza do algodão os estudantes perceberam con-

6. As atividades previstas para o módulo 1 da SD, relacionadas à área de Ciências da Natureza foram realizadas pela professora na semana anterior à planejada, antes da apresentação da situação e da produção inicial. Como atividade didática foi cumprida pela professora, e alcançou os objetivos previstos por ela. No entanto, por ter acontecido sem interlocução com as outras áreas e antecipando-se ao cronograma, não foi considerada como parte da SD.

teúdos da Física como força, tensão, expansão e resistência, observando o algodão se transformar em fio pelos movimentos aplicados à roda de fiar falamos das habilidades psicomotoras necessárias para coordenar movimentos concomitantes de pernas, pés, braços, mãos e olhos das fiandeiras.

Os estudantes puderam ver a complexidade logística necessária à organização de centenas de fios, sendo preparados na urdideira para serem levados ao tear, e compreender o processo de enlização, que pode ser entendido como uma programação, feita a partir de um gráfico, uma receita, chamada pelas tecedeiras de repasso. Esses são exemplos do universo da Matemática, que foram comentados pela professora dessas disciplinas, para além de sua atividade realizada em sala de aula.

Figuras 11 - Roda de Conversa com Dona Izabel e figura 12 - oficina de Fibra de Bananeira.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Optamos por apresentar as fotos a seguir com o mínimo de presença de pessoas na mostra com o objetivo demonstrar o circuito montado de acordo com as etapas do processo, na seguinte sequência: banner contendo texto de abertura da mostra (Figura 13) e apresentação da matéria-prima, ou seja, o algodão branco e o marrom, o *ganga* (Figura 14). Em seguida, a seção descaroçamento e de limpeza, onde havia algodão para ser catado, objetivando a retirada de ciscos e o descaroçador. Nesta seção o algodão poderia ser descaroçado também manualmente. Fazia parte desta seção um espaço onde o algodão era batido com um arco, que é tanto um processo de refinamento da limpeza manual, quanto de expansão da fibra (Figura 15), já uma preparação para a seção seguinte, composta por uma roda e fiar, dois fusos, uma dobadeira a confecção de meadas, meadas já confeccionadas e novelos (Figura 16 e 17). Como encerramento do circuito foi apresentada a urdideira, amostras de cobertas e de tecido para confecção de calças masculinas (Figura 18). Nesta seção havia um banco de madeira na frente de uma coberta, para que os visitantes se sentassem, pudessem fazer fotografias ou apenas observar (Figura 18). Por último, finalizando o circuito, dentro da tenda, havia um banner contendo um texto explicativo sobre o processo da tecelagem artesanal local, e uma mesa com um caderno para a coleta de assinatura dos visitantes (Figura 19). Ainda do lado de fora da tenda foi montado um espaço de vivência, onde os estudantes, caso desejassem pudessem experimentar a tecelagem em grade (Figura 20). Foi disponibilizado uma grade no tamanho de 2 metros de altura por 1 metro e 60 centímetros de largura.

Figuras 13 - Início do circuito. Figura 14 - banner contendo texto da mostra e apresentação do algodão.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figuras 15 e 16 - Sessão de limpeza e descaroçamento; sessão de fiação e confecção de meadas.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figuras 17 e 18 - Sessão de fiação e confecção de meadas; Sessão da urdidura e amostras de tecidos e cobertas.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 19: Encerramento da mostra, e espaço para coleta de assinatura dos visitantes



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 20: Ambiente contíguo à tenda, parte da mostra, cujo objetivo foi oferecer aos estudantes a oportunidade de experimentarem a tecelagem na grade.



Fonte: acervo da pesquisadora.

O PONTO DE CHEGADA: a validação da SD.

Ao finalizar as atividades propostas nos módulos e receber a produção final dos/das estudantes, nos dedicamos à avaliação da SD. Na nossa experiência, essa avaliação aconteceu em conversas

individuais com cada professora que participou da SD. Esse foi outro desafio que tivemos que superar, pois o horário das aulas não comportava um momento em que pudéssemos nos reunir e fazer a avaliação de forma conjunta tal como o planejado. As conversas foram orientadas por um roteiro, elaborado remotamente em conjunto com os docentes que participaram da SD, com o objetivo direcionar a coleta de informações contemplando aspectos considerado relevante pelos professores participantes, como o envolvimento dos estudantes, a interdisciplinaridade, e o potencial da temática em relação aos saberes ancestrais.

Etapa necessária e importante na nossa caminhada, visto que precisaríamos obter uma verificação dos aspectos que obtivemos sucesso, e dos que precisariam ser melhorados, para caso de novas experiências interculturais de ensino na escola, bem como para a edição e compartilhamento destas experiências. Compartilhamos aqui as impressões avaliativas das professoras, veja o quadro abaixo

Quadro 3: Avaliações das professoras

DISCIPLINA	SÍNTESE DAS AVALIAÇÕES
MATEMÁTICA	Mencionou interdisciplinaridade com Geografia e exemplifica com diálogos que teve com o professor da disciplina; relatou experiência de interculturalidade quando conversou com a mãe para ajudá-la a se lembrar das medidas não convencionais; destacou o impacto na comunidade escolar, percebido na movimentação e visitação na mostra e considerou que ela foi a responsável por esse impacto inclusive no que se refere aos estudantes, que melhor se desenvolveram nas atividades realizadas neste;
ARTES	Relatou que conseguiu contemplar a interdisciplinaridade na realização de suas atividades quando interagiu com a professora de Matemática e de Geografia, e que percebeu a diferença quando há a intencionalmente em realizar uma atividade que visa a interculturalidade; destacou o envolvimento de outro professor de outra turma que não esteve envolvido na aplicação da SD, mas se sentiu motivado e se apropriou da mostra para trabalhar seus conteúdos, professor com quem ela dialogou durante o processo.

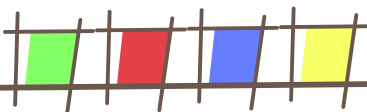
GEOGRAFIA

Mencionou o potencial interdisciplinar da temática, e que conseguiu realizar a interdisciplinaridade com a Matemática, e a Arte. Avaliou que a escolha do conteúdo que abordava o modo de vida nas fazendas foi a melhor escolha; e mencionou a importância da participação das tecedeiras nas rodas de conversas em as quais não teríamos atingido a interculturalidade;

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Esse quadro foi apresentado na reunião com a Equipe Gestora, quando avaliamos as atividades da SD. A equipe gestora considerou a experiência inovadora e satisfeita com os resultados apresentados pelas professoras, considerando a experiência inovadora e que deveria se repetir. O algodão continua sendo motivo de aprendizagens na Escola, em especial na sala do Atendimento Educacional Especializado.

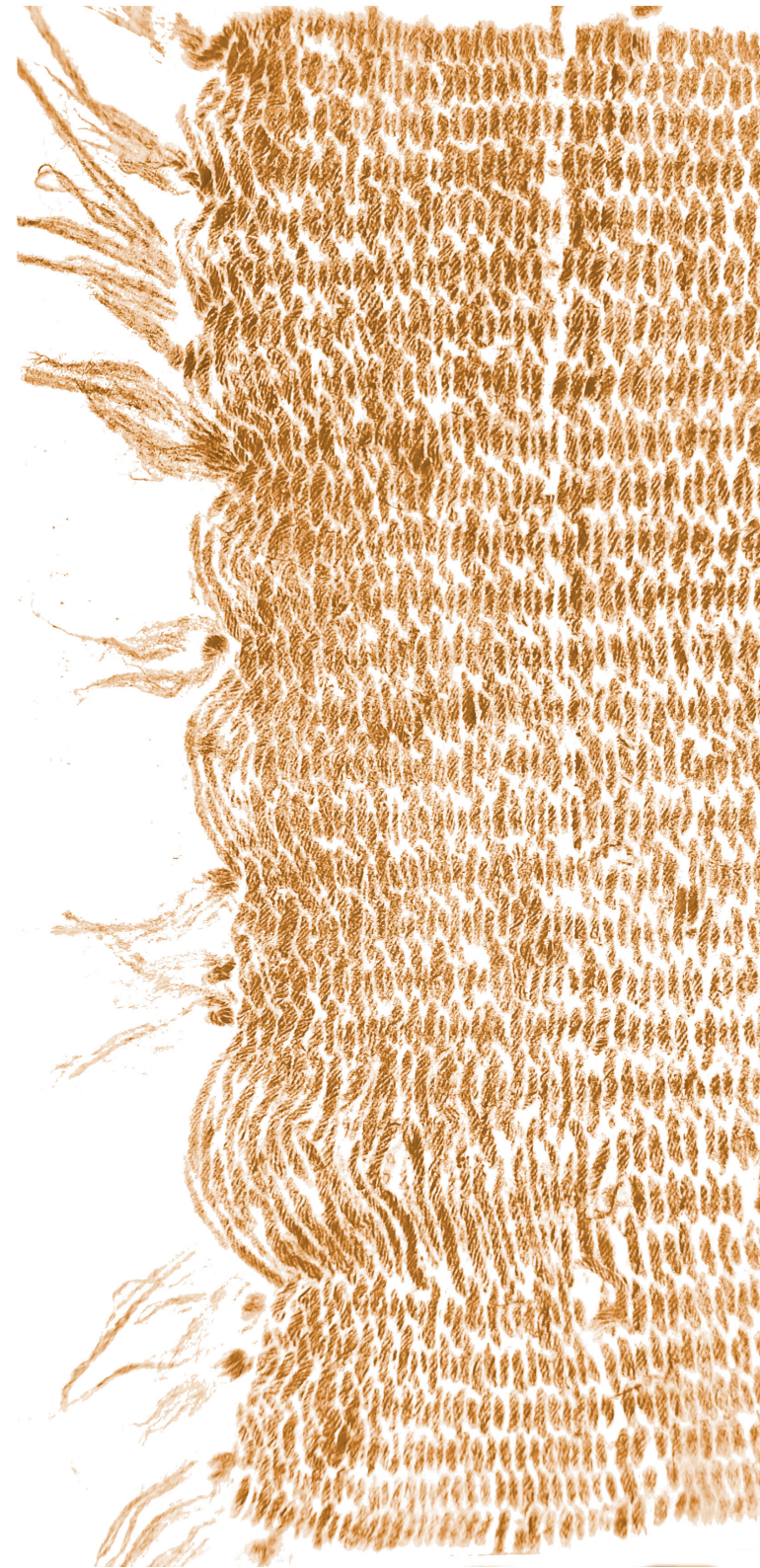
CONSIDERAÇÕES FINAIS



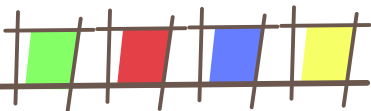
A experiência vivenciada na escola com o envolvimento das pesquisadoras, das fiandeiras, tecedeiras e de professores teve a duração de dois anos, e nesse período constatamos que é possível a vinculação entre saberes ancestrais e o ensino-aprendizagem na escola, desde que haja preparação, intenção e resistência.

Aprendemos que projetos de ensino como este são projetos de intervenção e de enfrentamento à colonialidade do saber, e justamente por isso requerem que esta consciência seja nutrida para resistir e prosseguir. A condição que permitiu esse contexto de consciência sendo nutrida e de resistência foi a coletividade. Enquanto pesquisadoras, reconhecemos que sozinhas não teríamos conseguido levar a experiência adiante. Não teria sido possível os enfrentamentos e as superações. Não teria sido possível o plantio dos algodoeiros, os encontros com as tecedeiras e fiandeiras, e nem percepção do potencial interdisciplinar contido nos saberes da tecelagem artesanal, não teria sido possível a descoberta por parte dos estudantes de que tais conhecimentos podem ser valorosos.

Esperamos que nossa caminhada e *matula* compartilhadas tenham suscitado ideias e estímulo para que outras experiências como esta possam acontecer nas escolas. Esperamos também que nossa narrativa sirva para que tenham refletido sobre os conhecimentos ancestrais em sua comunidade, e experimente essa conexão, levando tais conhecimentos para sua prática pedagógica.



GLOSSÁRIO:



Ancestralidade: Ailton Krenak (2022) nos ensina, e a partir da cosmovisão de seu povo, no seu livro “Presente ancestral”, que a ancestralidade se materializa no presente, numa luta por um futuro sustentável e digno para todos os seres vivos que habitam a Terra. Este autor nos apresenta à ancestralidade indígena como algo que está em todos os lugares, nas florestas, no ar, mergulhada embaixo da terra. “Trata-se de sentir a vida nos outros seres, nas árvores, numa montanha, num peixe, num pássaro e se implicar” (Krenak, 2022, p. 102). Para o povo Krenak o rio é o seu avô, o rio é um parente ancestral, um *rio-avô*, que comunica, que ensina a fluidez e a resistência a quem está apto ao exercício “da escuta dos cursos d’água”. Esta escuta lhe traz uma conexão profunda com a natureza que tem o poder de implicar na percepção de uma identidade que se funde com o próprio rio.

Colonialidade do saber: conforme Lander (2000) a colonialidade do saber refere-se ao controle e/ou apagamento de conhecimentos de pessoas historicamente oprimidas, desqualificando os saberes locais enquanto conhecimentos válidos por não proverem, em sua maioria, de espaços oficiais de educação e/ou científicos.

Dobadoura ou dobradeira: instrumento feito de madeira, utilizado para fazer as meadas.

Ensino decolonial: é uma proposta educativa que visa identificar o eurocentris-

mo nos programas de ensino da educação básica ou superior, com o objetivo de construir práticas pedagógicas que reconheçam os conhecimentos, identidades e culturas historicamente oprimidas.

Matriz colonial de poder – MCP: conceito formulado por Anibal Quijano (2005), o autor peruano, integrante do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C). Para explicá-lo, Mignolo (2017, p. 5) descreve “quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade”. Domínios que explicam a estrutura na qual se deu a colonização das américas. Segundo Mignolo (2017), o que sustenta esse padrão de poder é o fundamento racial e patriarcal do conhecimento que legitima a ordem mundial, e a geopolítica no planeta. Compreender esse conceito é a base para compreender o pensamento decolonial.

Matula: de acordo com o Dicionário Michaelis, da Língua Portuguesa (2025) matula significa uma “provisão alimentícia para viagem”, ou o “saco, o pano, o alforje, a trouxa” que carrega essas provisões. Enquanto categoria teórica utilizada nesse trabalho, nos referimos à matula enquanto bagagem de conhecimento.

Patriarcado: para Lerner (2019), o patriarcado “em sua definição mais ampla, significa a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. Essa definição sugere que homens tem poderem todas as instituições importantes da sociedade e que as mulheres são privadas de acesso a esse poder” (Lerner, 2019, p. 291). De acordo com esta

autora, o patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões a escola e as leis.

Pedagogia Decolonial: de acordo com Walsh (2009) é uma pedagogia crítica que propõe uma ruptura com o ensino colonizado. Tem como premissas o reconhecimento da diversidade cultural e epistemológica e a promoção da justiça social. Manifesta-se em práticas docentes que valorizam diferentes formas de conhecimento e saberes, incluindo aqueles historicamente marginalizados pelas culturas ocidentais. São práticas que buscam desconstruir narrativas coloniais, questionando as estruturas de poder e conhecimento que sustentam a dominação colonial, como o racismo, o sexismo e outras formas de opressão presentes nas instituições educacionais.

Periferia: o termo periferia é utilizado, de acordo com o IBGE para definir comunidades urbanas em situação de vulnerabilidade. As periferias “retratam a precariedade das políticas governamentais e investimentos em infraestrutura urbana, serviços públicos, equipamentos coletivos e proteção ambiental aos sítios onde se localizam, reproduzindo condições

de vulnerabilidade”. Na perspectiva desta pesquisa a periferia é também um território de salvaguarda e vivência de conhecimentos ancestrais, por seus habitantes. Seja a enquanto atividade de subsistência, de lazer e até de cura do corpo e do espírito. Na perspectiva da decolonialidade a periferia é um território político de produção de conhecimento, e no caso da nossa experiência, o conhecimento que é colocado em evidência é a tecelagem artesanal. O termo periferia é utilizado de forma simbólica para localizar a experiência das mulheres em relação ao patriarcado.

Sequência didática: na perspectiva de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) sequência didática é entendida como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004, p. 96). Sua motivação não é simplesmente a transmissão de um conteúdo e avaliação se foi apreendido. Para esses autores as sequências didáticas foram utilizadas para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem dificilmente domináveis. Intencionalidade que traz consigo uma

intenção política sustentando o aspecto pedagógico. Escolhemos essa perspectiva como ferramenta metodológica utilizada tanto para orientar o processo formativo do curso, quanto para possibilitar aos cursistas que vivenciassem a mesma metodologia proposta para ser trabalhada com os estudantes.

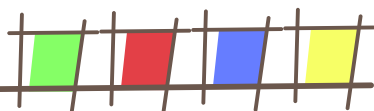
Teoria decolonial ou Pensamento decolonial: campo de estudos que se fundamenta em epistemologias e perspectivas diversas de crítica aos processos de colonização, buscando a desconstrução da lógica da colonialidade que mantém o poder a serviço da dominação. A teoria decolonial permite uma prática transgressora, na perspectiva de hooks (2017).

Urdideira: é um equipamento necessário para urdir, que é uma das etapas realizadas para que a tecelagem se realize, de acordo com Mirandola (1993). É a urdideira que possibilita a colocação dos fios no tear de forma organizada. É o trabalho na urdideira que permite a tensão e localização dos fios no sentido longitudinal durante o processo de enlçamento.

Repastos: são receitas para que sejam reproduzidos os padrões (estampas) das cobertas, também cha-

madras de dados. São representadas na forma de gráficos, ou seja, informações codificadas, que só são compreendidos por quem tem acesso aos códigos para serem lidos. De acordo com Garcia (1981) os repassos são como receitas que são fielmente seguidas para se obter o padrão da estampa do tecido.

REFERÊNCIAS



DOLZ-MESYTRE, Joaquim, NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ-MESTRE, Joaquim (org.). **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. Tradução Roxane Helena Rodrigues Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GARCIA, Marcolina Martins. **Tecelagem artesanal**: estudo etnográfico em Hidrolândia-Goiás. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1981.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Educação. **Documento Curricular para Goiás**. Goiânia: SEDUC; CONSED; UNDIME, 2020. v. 3.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

LENER, Gerda. **A criação do Patriarcado**. História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MATULA. In.: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=KPVxW>. Acesso em 05.01.2026.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, e329402, 2017.

MIRANDOLA, Norma Simão Adad. **As tecedeiras de Goiás**: estudo linguístico, etnográfico e folclórico. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1993. (Coleção Documentos Goianos).

OLIVEIRA, Eduardo. **Ancestralidade na Encruzilhada**. Dinâmica de uma tradição inventada. Rio de Janeiro, RJ: Ape` Ku Editora. 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E (Comp.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-sugir, reexistir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (org.) **Educação Intercultural na América Latina**: Entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Caderno de experiências:

a tecelagem artesanal como tema gerador para o ensino de Ciências da Natureza e Matemática



projeto gráfico e diagramação: Tárík Assis Pinto